

A10.622

ENCONTRO ESPERADO ENCONTRO ENTRE OS DOIS PRESIDENTES FOI CONFIRMADO PELO ITAMARATY; MORALES AFIRMOU QUE "RESPEITA" LULA E QUE ACREDITA EM UMA SOLUÇÃO PELO DIÁLOGO

Evo Morales baixa o tom, alivia a Petrobras e se reúne hoje com Lula



POR ESCRITO. Um assessor recomendou a Morales que não respondesse a pergunta do jornalista brasileiro sobre o Acre. FOTO: AP

Estatual brasileira continua na Bolívia como sócia do governo, diz líder boliviano

Em coletiva, Morales teve "amnésia repentina": "Não conheço nenhum Acre"

VIENA. O presidente da Bolívia, Evo Morales, adotou ontem um tom menos ríspido, mas ainda crítico, em relação ao Brasil, negou que vá expulsar a Petrobras do país vizinho e afirmou que hoje se reúne com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A reunião, que não estava prevista na agenda oficial da viagem de Lula a Viena (Áustria), foi confirmada pelo Itamaraty, que, no entanto, ainda não confirma o horário.

Anteontem, na Áustria, onde participa de reunião de cúpula entre países europeus e latino-americanos, Morales havia dito que os contratos assinados com as empresas de petróleo, incluindo a Petrobras, eram "ilegais" porque nunca foram aprovados pelo Congresso.

Também afirmou que as empresas "contrabandeiam" com-

bustíveis e ameaçou não indenizar a Petrobras pela transferência das empresas na Bolívia para o governo local.

Já ontem, o tom do discurso foi bem mais baixo. Menos ríspido, afirmou que "respeita" Lula, que acredita em uma so-

lução pelo diálogo e que continuará a haver uma "sociedade" entre empresas e governo.

Ele criticou, entretanto, o presidente, que, segundo o chanceler Celso Amorim (Relações Exteriores), teria ficado "indignado" ontem com as declarações de Morales.

"Disseram que (Lula) está indignado, mas nós também poderíamos ficar indignados com as empresas que exploram nossos recursos naturais." Segundo ele, as petroleiras continuarão em seu país, mas como "sócias" do Estado.

Empresa tem plano B de abastecimento

A Petrobras tem pronto, guardado a sete chaves, um plano de racionamento do gás natural na hipótese de a Bolívia, em uma atitude extrema, vier a cortar o fornecimento do produto ao país. O consumo de 25,2 milhões de metros cúbicos por dia consumidos pelas indústrias nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste teria que ser cortado em 15 milhões de metros cúbicos diários. O diretor de Gás e Energia, Ildo Sauer, minimiza a questão, afirmando que na realidade, a Petrobras tem planos de contingência para a ocorrência para todas as suas atividades. A direção da Petrobras considera, contudo, muito remota a possibilidade de a Bolívia cortar o fornecimento. Isso porque, um corte no fornecimento de gás significaria um corte, também, do abastecimento de combustíveis líquidos na Bolívia como gasolina, óleo diesel e óleos combustíveis.

Memória ruim. "Que Acre? Não conheço nenhum Acre", disparou o presidente da Bolívia, Evo Morales, ao final de entrevista concedida ontem em Viena. A crise de amnésia, proposital, ocorreu quando Morales foi cobrado pelos jornalistas por não ter respondido se a devolução do Acre à Bolívia seria uma nova contenda territorial de seu país, a exemplo da região ao Norte do Chile.

Na quinta (11), na mesma sala 18 do Centro de Imprensa da 4ª Cimeira União Européia-América Latina-Caribe, Morales lembrou-se do Acre, e como um exemplo de "espoliação". Segundo ele, o território havia sido comprado pelo Brasil por "um cavalo".

Só há uma similaridade entre a lembrança e o esquecimento de Morales: a incorreção. Nos documentos históricos, o Acre passou a figurar no território brasileiro em 1903, ao custo de 2 milhões de libras esterlinas.

Claro, na verdade, a amnésia de ontem foi induzida por um dos assessores de Morales, que lhe passou um bilhete com letras garrafais: "A última pergunta do Brasil não deve ser respondida".

Repercussão

GÁS DE BOTIJÃO

30%

É o aumento do gás de botijão verificado pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) e pelas distribuidoras de combustíveis.

“

Venezuela e Bolívia devem utilizar seus recursos energéticos de maneira

Imprensa

Versões do La Nación e Clarín

Os dois principais jornais argentinos noticiaram ontem a crise latina. O La Nación afirma que as palavras de Evo Morales, presidente da Bolívia, tiveram "o efeito de uma bomba" e que o Brasil "tentou

“

"De um lado, as propostas que defendem a auto-sustentabilidade latina; de outro, há propostas de

Líderes boquiabertos



GÁS DE BOTIJÃO

30%

É o aumento do gás de botijão verificado pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) e pelas distribuidoras do combustível, no início desta semana, em cidades das regiões Sudeste e Nordeste. Na avaliação do superintendente da agência, Roberto Ardenghy, o fenômeno foi provocado por consumidores querendo estocar botijões em suas casas com medo de desabastecimento de gás natural, apesar de não haver qualquer relação entre o gás boliviano e o dos botijões (GLP).

“

Venezuela e Bolívia devem utilizar seus recursos energéticos de maneira responsável. Devem trabalhar em cooperação com os investidores estrangeiros.

TONY BLAIR
Premiê britânico

”

Imprensa

Versões do La Nación e Clarín

Os dois principais jornais argentinos noticiaram ontem a crise latina. O La Nación afirma que as palavras de Evo Morales, presidente da Bolívia, tiveram “o efeito de uma bomba” e que o Brasil “tenta evitar uma ruptura que o deixe isolado da Bolívia e da Venezuela, possibilidade que ambos países parecem estar incentivando, menosprezando cada vez com mais frequência as posturas moderadas de Lula”. O La Nación diz que “as duríssimas declarações de Morales, representante de um país com economia 50 vezes menor que a brasileira, foram algo assim como a cena de um menino de cinco anos batendo no Mike Tyson”.

“

“De um lado, as propostas que defendem a auto-sustentabilidade latina; de outro, há propostas de alinhamento com os países ricos, como na Alca ou em parceria com os EUA”

Documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lido ontem

”



CAUSA NOBRE. Com um cartaz nas mãos, um biquíni minúsculo e adornada com lantejoulas, a rainha do Carnaval de Gualaguaychú, na divisa entre a Argentina e o Uruguai, causou estardalhaço ontem em Viena. A performance da argentina Evangelina Carrozo serviu ao objetivo do Greenpeace de despertar a atenção do mundo para o conflito entre Argentina e Uruguai em torno da instalação de empresas de celulose no lado uruguaio. FOTO: AP

Amorim: “Não há gasoduto sem Brasil”

Crise ameaça projeto que levaria gás da Venezuela até a Argentina passando por todo o Brasil

VIENA. O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, rebateu ontem as declarações da Bolívia de que não aceitaria a construção do gasoduto sul-americano com a participação da Petrobras.

Segundo ele, se a Petrobras não participar “simplesmente não haverá Gasoduto do Sul” porque a construção “vai ter que dar uma volta tão grande que vai virar o Gasoduto do Oeste”.

O ministro boliviano de Hidrocarbonetos, Andrés Soliz Rada, afirmou anteontem que “para que o gasoduto funcione, precisamos que as empresas que participam sejam estatais. E aqui surge um gravíssimo problema com a Petrobras, porque 60% da Petrobras está nas mãos de transnacionais”, disse.

O controle da Petrobras, entretanto, está nas mãos do governo brasileiro. De acordo com o projeto, orçado em cer-



SINTONIA TROCADA. O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim (E), defendia a Petrobras ontem, enquanto, em Viena, o presidente Lula defendia os países pobres. FOTO: AP

ca de US\$ 25 bilhões, o Gasoduto do Sul teria 8 mil km de extensão e levaria o gás da Venezuela até a Argentina cruzando todo o Brasil.

Por iniciativa do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, a Bolívia também foi convidada a participar do projeto, que pode incluir ainda outros países latino-americanos, co-

mo Chile e Uruguai.

Para analistas do setor de energia, entretanto, o Brasil pode ficar excessivamente dependente da Venezuela se decidir por levar adiante o projeto.

Em entrevista em Viena (Áustria), onde participa da reunião de cúpula com países europeus e latino-americanos, Amorim também não

descartou a possibilidade de retirar o embaixador brasileiro no país vizinho.

“Acho que não vamos retirar o embaixador simplesmente pelo que ainda está sendo discutido. Mas evidentemente se verificarmos que não há diálogo possível, nós vamos examinar as opções que existem”, afirmou Amorim.

Ironicamente, Lula critica imobilidade dos países ricos

VIENA. Ironicamente, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva destacou ontem o “imobilismo” dos países ricos na Rodada Doha de negociações para liberalização do comércio mundial e disse que não se pode mais aceitar pretextos para a falta de avanços.

Lula ainda não reagiu às acusações vexatórias do presidente boliviano feitas à Petrobras e à repercussão internacional de que o Brasil estaria humilhado diante da Bolívia.

Em Viena, o assunto não foi a Bolívia, mas, sim, as dificuldades dos países pobres. “A principal responsabilidade recai sobre os países ricos. Não se pode mais aceitar pretextos para o imobilismo”, disse o presidente. “Sabemos das dificuldades políticas de alguns países em fazer as reformas necessárias. Mas a fome e a pobreza não podem ser o preço a pagar.”

Lula defendeu ainda a tese de que as negociações da rodada tem agora de acontecer não

mais em nível ministerial, como a cúpula realizada em dezembro do ano passado, mas envolvendo os chefes de governo dos países envolvidos. “Estou convencido de que chegou a hora de envolver diretamente os líderes para desbloquear as negociações. Somos nós, os mandatários, que podemos dar impulso político ao processo.”

Durante discurso feita na quarta Cúpula América Latina e Caribe-União Européia, que acontece hoje em Viena (capital da Áustria), Lula ressaltou o empenho para que Europa, América latina e Caribe avancem nas negociações para um acordo entre o Mercosul e a União Européia.

Ele destacou que o Brasil tem um ambiente econômico “propício ao crescimento” e que a inflação no país “está controlada”, mas que, para resolver o problema da fome e a pobreza é preciso também que o comércio internacional contribua “para o desenvolvimento”.